

## CINCO MARCAS DA MISSÃO (Conselho Consultivo Anglicano e Conferência de Lambeth até 1988)

Conforme a visão anglicana, a missão da Igreja consiste na proclamação do Evangelho, no ensino, no batismo, na formação dos fiéis, na resposta às necessidades humanas com amor, na busca da transformação das estruturas injustas da sociedade, na luta pela salvaguarda da integridade da criação, e sustento e renovação da terra. Esses cinco itens da missão representam ponteiros das áreas da vida em que convivemos uns com os outros movidos pela compaixão de Cristo, para o seu serviço de Deus e das pessoas e das comunidades.

Proclamar o Evangelho do Reino

Ensinar, batizar e formar os fiéis

Responder às necessidades humanas com amor

Buscar a transformação das estruturas injustas da sociedade

Lutar pela salvaguarda da integridade da criação, sustento e renovação da terra

Cinco marcas revisadas

### **5. As Cinco Marcas de Missão.**

Na sua segunda reunião (Ely, 1996), a MISSIO começou a rever “As Cinco Marcas de Missão” desenvolvidas pelo Conselho Consultivo Anglicano entre 1984 e 1990. Reconhecemos com satisfação que as cinco marcas receberam ampla aceitação entre os anglicanos e forneceram às paróquias e dioceses de todo o mundo uma lista de itens práticos e importantes para as atividades missionárias.

Entretanto, somos levados a acreditar que, como nossa Comunhão Anglicana percorre um caminho cuja direção está centralizada na missão, as cinco marcas necessitam de uma revisão.<sup>16</sup>

#### **Missão: anunciando as boas novas**

A primeira marca de missão, identificada pelo CCA-6 como evangelização pessoal, é de fato um resumo de tudo o que a missão é, porque está baseado no próprio resumo de Jesus sobre sua missão (Mateus 4:17; Marcos 1:14-15; Lucas 4:18; Lucas 7:22: cf. João 3:14-17). Em vez de ser apenas uma (embora a primeira) das cinco diferentes atividades, ela deveria ser a declaração chave sobre *tudo* o que fazemos como missão.

#### **Missão no contexto**

Toda missão é feita num determinado lugar - o contexto. Por isso, mesmo havendo uma unidade fundamental nas boas novas, elas são modeladas pela grande diversidade de lugares, de tempo e de culturas em que as vivemos, proclamamos e incorporamos. As cinco marcas não devem nos levar a pensar que há somente cinco marcas de fazer missão.

#### **Missão como celebração e ação de graças**

Uma importante característica do Anglicanismo é a nossa crença de que a adoração é o ponto central de nossa vida comunitária. Mas a adoração não é algo que

fazemos apenas quando testemunhamos as boas novas: a adoração é em si mesma um testemunho para o mundo. Ela é um sinal de que tudo na vida é santo, que a esperança e significado podem ser encontrados no oferecimento de nós mesmos a Deus (cf. Romanos 12:1). Sempre que celebramos a eucaristia, proclamamos a morte de Cristo até que Ele venha (I Coríntios 11:26). Nossa vida litúrgica tem uma dimensão vital para o nosso chamado à missão. Embora não esteja incluída na lista das Cinco Marcas, ela está subentendida nas formas de testemunho público ali relacionadas.

### **Missão como igreja**

As Cinco Marcas sublinham *o fazer* missão. A fidelidade de ação é a medida de nossa resposta a Cristo (cf. Mateus 25:31-46; Tiago 2:14-26). Entretanto, o desafio que se nos apresenta não é só *fazer* missão, mas *ser povo de missão*, isto é, aprender a permitir que cada dimensão da vida da igreja seja modelada e dirigida por nossa identidade como sinal, como antecipação e como instrumento do reino de Deus em Cristo. Nossa compreensão de missão deve deixar isso bem claro.

### **Missão como Deus em ação**

“A missão parte de Deus. Missão é a maneira de Deus amar e salvar o mundo... Assim, a missão nunca é invenção ou escolha nossa” (Conferência de Lambeth de 1998, Seção II, parte inserida na última edição do relatório). A iniciativa da missão é de Deus e não nossa. Nós somos simplesmente chamados a servir na missão de Deus, vivendo e proclamando as boas novas. As Cinco Marcas de Missão deixam isso claro.

## **5.1 As Cinco Marcas de Missão e depois**

Recomendamos a todas as províncias (e suas dioceses) o desafio de desenvolver ou revisar sua própria compreensão de missão. Sugerimos duas maneiras possíveis a seguir:

- As Cinco Marcas podem ser revisadas para acrescentar comentários semelhantes aos mencionados acima. Isso tem a vantagem de conservar o modelo familiar das Cinco Marcas
- De maneira alternativa, uma declaração holística dos atos de missão pode ser fortalecida pela definição de uma compreensão da natureza da missão. Isso afirmaria a solene responsabilidade de cada igreja local no sentido de discernir como ela deve servir mais fielmente a missão de Deus em seu contexto. Um exemplo dessa compreensão é dada a seguir:

Missão é o ato criador, reconciliador e transformador de Deus, fluindo da comunidade de amor, fundamentado na Trindade, feito conhecido a toda a humanidade na pessoa de Jesus, confiado à fiel ação e testemunho do povo de Deus, que no poder do Espírito é sinal, antecipação e instrumento do reino de Deus (*Adaptado de uma declaração da Comissão de Missão do Conselho Nacional de Igrejas da Austrália*).

### **As Cinco Marcas de Missão (revisadas)**

Na missão, todo o povo de Deus vive as boas novas do reino de Deus quando

- testemunha para todo o povo o amor de Cristo, que reconcilia, salva e perdoa;
- constrói comunidades de fé, que acolhe, celebra e transforma;
- é solidário com os pobres e necessitados;

- desafia a injustiça, a opressão e a violência;
- protege, preserva e renova a vida em nosso planeta.

Sejam quais forem as palavras ou idéias que as expressões locais de nossas igrejas usem, a MISSIO espera que elas sejam instruídas por três convicções:

- Estamos unidos pelo compromisso de servir a missão transformadora de Deus;
- A missão é o alicerce de tudo o que somos, fazemos e dizemos como povo de Deus;
- Nossa fidelidade à missão se expressa numa grande diversidade de modelos de missão, estratégias e práticas.

**Se você perguntasse às pessoas em posição de liderança na sua província (diocese ou paróquia) se elas consideram a missão como “o alicerce de tudo quanto somos, fazemos e dizemos como povo de Deus”, o que você pensa que elas responderiam?**

## **6. Crescimento da igreja e missão anglicana.**

Em todas as nossas quatro reuniões, em quatro diferentes lugares do mundo, temos nos alegrado ao ouvir relatos sobre crescimento de igrejas locais. Nós mesmos vimos comunidades adorando, servindo e proclamando - às vezes, em condições precárias, num contexto de oposição, indiferença e extrema pobreza. Temos nos sentido humilhados por sua coragem e perseverança.

Temos notado que entre alguns anglicanos, “o crescimento” é às vezes medido pelo número de novas paróquias ou dioceses, que são criadas. Às vezes, esta ênfase dá a impressão, talvez não intencional, de que os números são o primeiro critério de crescimento. O crescimento em números, às vezes, é esperado como um dos frutos do testemunho fiel. Durante a nossa reunião em Zimbábue, pudemos sentir a beleza da adoração em grandes congregações anglicanas, cuja música e dança nos deixaram sem respiração.

Entretanto, a todos os que participam do nosso compromisso da missão de Deus, apresentamos duas notas de preocupação sobre a ênfase indevida nos números (quer de pessoas, paróquias ou dioceses) para alcançar o crescimento da igreja:

1. Esperamos que a ênfase nos números de novas paróquias e dioceses seja acompanhada por uma atenção à qualidade do crescimento verificado. O crescimento da igreja tem a ver também com um compromisso mais profundo, uma espiritualidade mais madura, uma disciplina apostólica mais corajosa, e fidelidade na adoração, no serviço, no testemunho, etc.
2. Esperamos que a ênfase no crescimento como “extensão da igreja” - que tem sido uma prática missionária predominante na história do Anglicanismo - não esconda um imperialismo denominacional. A missão de Deus não significa a expansão triunfante de uma igreja em particular, nem é necessariamente completada pela criação de mais e mais paróquias anglicanas. Missão é o testemunho de todo o povo de Deus às boas novas conhecidas em Cristo. Por isso, convidamos as nossas províncias e agências missionárias, cuja energia é dedicada ao estabelecimento de igrejas, a examinar sua abordagem e prioridades, e buscar formas para se engajar naquele tipo de missão que edifique a unidade do

santo, universal e apostólico povo de Deus, e assim deixá-lo livre para se envolver no mundo ao seu redor.

**Que idéia (ou idéias) de “crescimento” existe em sua situação? Se lhe perguntassem “de que maneira a sua igreja está crescendo”, como você responderia?**

### **7. Filiação anglicana e senso de pertencer**

Pertencer é um tema que MISSIO considera importante em qualquer discussão sobre missão. Por exemplo, os bispos da Seção II da Conferência de Lambeth de 1998 tomaram conhecimento da Comunidade de Iona, na Escócia, com seu forte senso de missão ecumênica, combinado com uma forte espiritualidade encarnada. Parece que ela preenche a necessidade, sentida particularmente entre o povo do Ocidente, por mais intimidade, mais reciprocidade e relações mais pessoais na comunidade.<sup>17</sup>

Os jovens, em particular, não são atraídos pela filiação à igreja tradicional. Surge então a pergunta: que tipo de filiação é adequado para a igreja? Existe apenas uma forma de filiação?<sup>18</sup> Claro que uma igreja de missão precisa oferecer um senso de comunidade e filiação que seja mais satisfatório e envolvente do que a filiação institucional.

As duas ilustrações estão baseadas na importante declaração sobre unidade, adotada pela 7ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas (Cambera, 1991). Intitulada “A Unidade da Igreja Como Koinonia: Dom e Chamado”, a declaração desafia as igrejas a tomarem enérgicos passos em companheirismo. Duas questões surgem aqui para os anglicanos. Há limites para a diversidade? Como podemos conservar a fraternidade com aqueles que não podem aceitar os pontos de vista dos outros? Considerando que não há respostas fáceis, essas questões nos estimulam a ficar atentos ao fato de que o ponto central da koinonia ou da comunhão é a vida com o Pai por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo. Esta é a mais profunda comunhão possível para qualquer criatura de Deus.<sup>19</sup> Os cristãos estão vinculados a Deus por “uma missão comum, testemunhando para todos os povos o evangelho da graça de Deus e servindo a toda a criação”.<sup>20</sup>

Pertencemos uns aos outros em Deus. O desafio da missão é trazer os outros a experimentar esta mesma qualidade de pertencer ou koinonia.

**Quando as pessoas se filiam a uma paróquia anglicana em seu contexto, que tipo de “filiação” é oferecido? Que procedimentos ou estruturas você dispõe para ajudar na integração de novos membros na koinonia (apoio, partilha, cuidado mútuo, solidariedade) da igreja?**

#### **7.1 A igreja como sal e sabor**

Existem algumas situações em que a missão cristã é conduzida como se fosse uma campanha militar, onde a conquista e a vitória são as imagens dominantes do crescimento da igreja. Isso obriga alguns membros da MISSIO a pensar o que significa pertencer à igreja.

O bispo Jubal Neves, do Brasil e membro da MISSIO, pondera sobre essa questão da seguinte maneira:

No passado (por meio das Cruzadas, Inquisição e proselitismo estatal), a igreja estava ocupada em batizar as pessoas como condição para ser membro da igreja e alcançar a salvação. Mesmo nos dias de hoje, algumas igrejas mantêm companhias ou cruzadas para encher os seus bancos. Esta visão olha a igreja como um lugar para evitar a condenação eterna e alcançar a felicidade eterna. Nesta perspectiva, o crescimento da igreja é medido pelo número de membros, que são considerados como clientes. Ser “massa” aparentemente é mais importante do que ser “fermento”(Mateus 13:33).

Esta é uma tentação contra a qual precisamos resistir. Aderir ao plano de Deus é mais importante do que pertencer a uma igreja. Obedecer ao chamado de Deus para a justiça e o serviço é maior do que a questão dos números nos bancos (cf. Isaías 65:14-21; Lucas 4:17-25). A igreja não é mais uma simples arca de salvação, mas o agente de Deus da missão no mundo. A liturgia deve expressar, como celebração, a ação de minha fé numa sociedade que se transforma, da igreja e de nós mesmos. Precisamos, portanto, recuperar a imagem do fermento, de ser o sal, a luz e a semente de mostarda. Este é o verdadeiro significado da catolicidade da igreja. Com relação aos números, é importante considerar o compromisso e a maturidade da comunidade eclesial, de acordo com o seu contexto.

Em vez de gastar tempo em domesticar novos crentes, a igreja deve se lembrar de sua vocação de ser sinal, antecipação e instrumento da missão de Deus. Nesse sentido, os leigos, o povo da congregação local, estão na linha de frente. As estruturas da igreja e o ministério ordenado existem para preparar, animar e facilitar a qualidade de vida da igreja e não simplesmente procurar desesperadamente aumentar o número de membros. Este ministério é convocado como instrumento para fortalecer a missão, a fim de transformar os reinos deste mundo no reino de Deus (cf. Apocalipse 11:15). A comunidade cristã é uma espécie de força-tarefa para atuar pela transformação das estruturas deste mundo, de modo que o reino de Deus se transforme numa dádiva presente aqui e agora na história.

A questão chave aqui é “solidariedade-participação” em vez de “autoridade-obediência”. Nesta igreja do novo milênio, somos convidados não tanto para sermos bem sucedidos, mas para sermos obedientes a Cristo (João 20:21; Mateus 25:34ss).

Portanto, a vocação da igreja em nossos dias é trabalhar pela transformação do povo e da sociedade. É nossa oportunidade para servir, celebrar e transformar como seguidores de Jesus. Nosso objetivo não é colher, mas semear. Seremos conhecidos pelos nossos frutos (Lucas 6:44; Mateus 7:20-21) e somente Deus julgará.

Nessa perspectiva, podemos começar a entender o que significa pertencer à igreja. Há muitas maneiras de pertencer e somente Deus pode julgá-las. Enquanto isso, “sede misericordiosos como é misericordioso vosso Pai” (Lucas 6:36), porque a fé cristã é mais parecida a uma nova relação do que uma religião (Mateus 25; I João).<sup>21</sup>

**Na sua experiência, o que as paróquias em seu contexto enfatizam mais: pertencer a uma comunidade solidária e participativa ou a uma instituição de autoridade e obediência?**

## **8. Companheiros em missão**

Em outro lugar deste relatório, notamos as mudanças que aconteceram nos padrões e estruturas de missão na Comunhão Anglicana nas últimas décadas. Aqui desejamos sugerir que estas mudanças - por exemplo, o decrescente uso das consultas Companheiros em Missão - nos dão a oportunidade de refletir sobre os fundamentos de nossas relações na Comunhão Anglicana. Acreditamos que é chegado o tempo de mudar o foco de nossas relações de companheirismo que, em muitos casos, tem se caracterizado por uma relação de negócios com programas e prioridades financeiras, para uma parceria que atenda como prioridade as relações de participação em solidariedade.

Notamos de passagem que uma versão modificada do modelo ecumênico “mesa redonda” de conferências, que incorpora muitos dos princípios do processo de CEM, oferece um possível novo caminho para o futuro. Parceiros em tal modelo não são observadores ou comentaristas, mas participantes de fato. Uma conferência piloto do tipo “mesa redonda” está planejada para a quadra da Páscoa em 2000, na região abrangida pelo Conselho Anglicano do Pacífico Sul. Isso deverá se desenvolver mais do que o processo de consulta de CEM.

**Reveja as relações de companheirismo ou parceria na sua província (diocese ou paróquia) e em outras partes da Comunhão Anglicana. Quais são as principais características destas relações? Quanta energia é empregada na troca de pessoal e recursos para a missão e o ministério? Que lugar ocupam as questões financeiras?**

## **9. “Povos ainda não atingidos”**

Desde sua primeira reunião, a MISSIO vem se preocupando com a questão da evangelização dos povos que ainda não ouviram o evangelho. Entretanto, desejamos sublinhar que existem “povos ainda não atingidos” em muitos diferentes contextos, e não apenas naquelas partes do mundo que alguns descrevem como “janela 10/14”. Estas comunidades existem em muitas províncias anglicanas, inclusive em sociedades consideradas “cristãs”.

Desejamos também afirmar que, em primeiro lugar, a responsabilidade de levar o evangelho a estas comunidades pertence mais à igreja local do que a missionários vindos de outro contexto. Certamente, a igreja local merece apoio da igreja maior, porque somos todos companheiros na missão de Deus em qualquer lugar e para qualquer lugar.

Como anglicanos, precisamos nos assegurar de que o nosso testemunho entre “os povos ainda não atingidos” seja totalmente encarnacional, expresso pela presença que identifique sua cultura e sua linguagem, e pela proclamação que, de maneira sensível, expresse a fé cristã em termos que possa ser ouvida e dela se apropriarem (Veja também as duas seções abaixo sobre “evangelho, igreja e cultura” e “Missão cristã e outras fés”). Se uma nova igreja anglicana for estabelecida em tal comunidade, queremos nos assegurar de que ela estará ligada à igreja universal por meio do ministério episcopal.

O desafio que a MISSIO coloca diante de cada província da Comunhão Anglicana é identificar áreas onde há pouca ou nenhuma presença cristã, buscar meios de se

envolver na missão ecumenicamente nessas áreas e descobrir a forma mais apropriada para esta missão.

**Que tipo de pessoas ou comunidades na sua situação podem ser descritos como “não atingidos”? O que seriam as boas novas para eles?**

### **10. Evangelho, igreja e cultura**

Embora existam valores e verdades inegáveis em qualquer tradição cultural e espiritual, eles precisam ser avaliados à luz do ensino bíblico, segundo o qual todos os seres humanos estão profundamente envolvidos com o pecado pessoal e coletivo. Há, portanto, necessidade de discernimento, para que tenhamos condições de distinguir o bem, o belo e o verdadeiro do mal, do feio e do falso. Para o cristão, os atos salvadores de Deus, na forma em que estão registrados nas Escrituras, especialmente os atos salvadores em Cristo, fornecem os critérios necessários para esse discernimento.

... A verdade em cada tradição tem “pontos adicionais” com o evangelho, de modo que, quando é proclamado numa determinada cultura, possa ser compreendido e apropriado. É desta maneira que o exercício da “razão” deve ser entendido atualmente. O evangelho tem a capacidade de se tornar compreensível para o povo de qualquer tradição intelectual, de qualquer concepção de mundo ou crença espiritual.

... As Escrituras e os Pais Apostólicos ensinam que é da vontade de Deus que todas as coisas tenham o seu cumprimento (*anakephalaiosis*) em Cristo (Efésios 1:10 e Irineu). Isso é particularmente verdade com relação às autênticas compreensões e aspirações espirituais de quaisquer culturas e tradições.<sup>22</sup>

DEZ PONTOS – Titus Presler, *Horizons of Mission* (2001)

- Proclamar o Evangelho com confiança batismal
- Servir como sacramento de Cristo no relacionamento
- Viver como companheiros em solidariedade com o sofrimento
- Receber o Cristo com peregrinos com outros
- Nutrir o todo humano nas comunidades de base
- Lutar pela justiça, reconciliação e paz
- Colaborar com outros Igrejas e grupos cristãos
- Explorar a expressão do Evangelho em diversas culturas
- Cooperar com gente de outras religiões
- Celebrar a comunidade eucarística